



NECESIDADES EDUCATIVAS ESPECIALES

NA ENCRUZILHADA ENTRE O IR E O FICAR, O SER E O NÃO SER –
PERTURBAÇÕES DO COMPORTAMENTO ALIMENTAR, VINCULAÇÃO E INDIVIDUAÇÃO

Vânia Pereira Branco
Constança Machado
Universidade de Évora

RESUMO

Nas últimas décadas, a investigação sobre as Perturbações do Comportamento Alimentar (PCA) tem ganho uma projecção crescente, no âmbito das várias disciplinas que as estudam, e o seu impacto mediático tem ajudado a difundir o risco de uma cultura que sobrevaloriza ideais de beleza e magreza. Se reduzirmos a lente de análise a um nível intrapsíquico, o que encontramos frequentemente na adolescente com PCA é um impasse na sua trajectória desenvolvimental, pois sem o alimento relacional necessário a uma vinculação segura, vê-se impossibilitada de se separar e no seio de novas figuras de vinculação (re)descobrir-se e construir a sua identidade. As PCA's podem ser assim metaforicamente concebidas como encruzilhadas: se, por um lado, há o desejo de ir, relacionado com o próprio processo de adolescer, e as tarefas de separação e individuação que lhe estão inerentes, tal como foram descritas por Blos, o afecto incondicional por saciar no seio de uma relação próxima, com uma figura de vinculação significativa, pede para ficar, levando a adolescente a idealizar o seu corpo, como se este servisse de atalho para a prossecução do restante caminho.

Palavras-Chave: Vinculação, Separação-Individuação, Perturbações do Comportamento Alimentar, Trajectória de Desenvolvimento.

ABSTRACT

In the last few decades, the research about Eating Disorders (EA) has gain an increasing projection, in the scope of the several disciplines that study them, and its mediatic impact has helped to spread out the risk of a culture that values too much the ideals of beauty and slimness. If we reduce the lens of analysis to an intrapsychic level, what we find frequently in the adolescent with EA is an impasse on her developmental trajectory: without the necessary relational food to a safe attachment, is seen disabled of separating and near of new figures of attachment to (re)discover herself and to construct her



NA ENCRUZILHADA ENTRE O IR E O FICAR, O SER E O NÃO SER – PERTURBAÇÕES DO COMPORTAMENTO ALIMENTAR, VINCULAÇÃO E INDIVIDUAÇÃO

identity. EA can thus metaphorically be conceived as a crossroad: if, in one hand, the adolescent has the desire to emotionally and physically leave away from her parents, one of the main tasks of adolescence, and of the second separation-individuation process as had been described by Blos, on the other hand, the lack of unconditional love in a close relationship, with a significant attachment figure, tells the adolescent to stay, taking her to idealize her body, like a shortcut that helps to proceed along the remaining way.

Key Words: Attachment, Separation-Individuation, Eating Disorders, Development Trajectory.

INTRODUÇÃO

As Perturbações do Comportamento Alimentar podem ser descritas, em termos latos, como um conjunto de diferentes distúrbios caracterizados por uma alteração da intenção, normal e adaptativa, de certas actividades ligadas à ingestão alimentar, que atingem, maioritariamente, a população feminina, adolescente e jovem adulta (Bouça, 2000; Machado et al., 2004), apesar de actualmente já serem encontrados com mais frequência na população infantil, na população adulta e no género masculino (Fonagy et al., 2005; Shipton, 2004).

Na literatura científica verifica-se, nas últimas trinta décadas, uma progressiva diferenciação dos distúrbios que podem ser incluídos na categoria de Perturbações do Comportamento Alimentar, constituindo a Anorexia Nervosa, a Bulimia Nervosa, o binge-eating e a Obesidade as mais referenciadas (Shipton, 2004). Podemos afirmar que da visão da perturbação alimentar apenas centrada na restrição, da rapariga adolescente, caucasiana, de classe média, que se recusa a comer, houve uma viragem, na literatura, e passou-se a considerar perturbação também o comer compulsiva e impulsivamente, numa primeira fase, aprofundando a Bulimia e, posteriormente, o Binge-eating e a Obesidade.

Em termos mediáticos, os distúrbios do comportamento alimentar têm ganho um progressivo destaque nas reportagens realizadas pelos diferentes media, que lhe têm conferido, sobretudo, uma visão etiológica centrada nos ideais e nos valores actuais da nossa sociedade, que sobrevalorizam a magreza, as dietas e o corpo feminino ideal. De facto, estes distúrbios são predominantes nas sociedades desenvolvidas, sendo raros fora do mundo ocidental e nos países pouco industrializados, e possuem uma menor incidência nas minorias étnicas (Gouveia, 2000). Alguns estudos têm encontrado uma relação positiva entre a aculturação e a patologia alimentar (Stice, 1994, in Gouveia, 2000), o que sugere uma estreita associação entre distúrbios alimentares e factores sócio-culturais, não obstante "há um largo consenso entre clínicos e investigadores que a etiologia dos distúrbios alimentares é multideterminada, resultando duma interacção complexa de factores psicológicos, biológicos, familiares e sócio-culturais" (Gouveia, 2000, pp. 265). Ou seja, tomado isoladamente, nenhum potencial factor etiológico é suficiente para explicar o desenvolvimento deste tipo de distúrbios ou contribui substancialmente para explicar a variância entre os doentes.

Concentrando o nosso foco especificamente na literatura proveniente da Psicologia, verificamos que a compreensão dos distúrbios alimentares tem sido realizada, nos últimos anos, sobretudo, à luz da psicopatologia do desenvolvimento. Como referem Steiner e colegas (2003), tratando-se de distúrbios complexos, em termos de sintomatologia, tratamento e prognóstico, também etiologicamente apresentam complexidade, só podendo ser compreendidos quando lidos na trajectória individual de desenvolvimento de cada doente.



NECESIDADES EDUCATIVAS ESPECIALES

Tomando esta premissa como ponto de partida, e a jovem adolescente como a população de referência, visto que apesar de tudo continua a constituir a maioria neste tipo de distúrbios, o objectivo central da presente comunicação é apresentar uma leitura das Perturbações do Comportamento Alimentar à luz de dois processos fundamentais que determinam a vivência do ser humano ao longo do seu ciclo vital: o processo de vinculação e o processo de separação-individuação. Para tal, num primeiro momento, faremos uma breve contextualização teórica destes dois conceitos, para, de seguida, aprofundarmos como estes nos podem auxiliar numa melhor compreensão dos distúrbios alimentares e concluiremos com algumas linhas de investigação que urgem algum trabalho da parte da comunidade científica.

Sobre a vinculação e a individuação

A importância da diáde relacional precoce, na contribuição da qualidade de todas as relações subsequentes, tem-se tornado cada vez mais clara (Charles et al., 2001). A teoria e a investigação empírica convergem para afirmar a natureza de alicerce desta relação em termos de desenvolvimento de padrões cognitivo, afectivo e relacional, que se afirmam ao longo de todo o ciclo de vida. Bowlby (1984, in Soares, 1996) comparava estes padrões a mapas cognitivos, visto que contém a representação de alguns aspectos do meio, e defendia que é sua função auxiliar o sujeito na percepção e interpretação dos acontecimentos, na antecipação do futuro e na elaboração de planos. Para além disso, considerava estes mapas semelhantes a um modelo dinâmico, visto que a representação topográfica que possuem não é estática, tendo constituído o conceito Internal Working Models a expressão adoptada pelo autor para designar estes mapas cognitivos onde se inserem as representações.

Os modelos internos dinâmicos são construídos no seio da diáde precoce, e envolvem conhecimentos e expectativas acerca da figura de vinculação, em termos da sua acessibilidade e responsividade, mas também acerca do self, em termos do reconhecimento do seu valor pessoal e da sua capacidade de afectar a figura de vinculação. Ao longo do desenvolvimento, estes modelos vão sendo progressivamente organizados como representações sobre as relações em geral, mostrando-se coerentes com o passar do tempo quando as condições ambientais permanecem estáveis (Soares, 1996). Deste modo, chegada a adolescência, há todo um percurso de vínculos afectivos internalizados no jovem, que o vão ajudar (ou não) a realizar as tarefas características da adolescência. Ou seja, o adolescer vai ser vivenciado consoante a presença de uma vinculação segura ou insegura e, mais precisamente, consoante o tipo de modelos representacionais internos de vinculação construídos ao longo da infância. Os estudos empíricos têm evidenciado que a saúde psicológica do adolescente está directamente relacionada com o grau de individualidade e intimidade experienciada no seio da família de origem (Lawson & Brossart, 2001) e que as tarefas da adolescência são mais facilmente negociadas quando existe uma vinculação segura aos pais (Atger, 2004; Allen & Land, 1999; Fonagy et al., 2002). Estas tarefas envolvem, sobretudo, uma transformação ao nível das relações afectivas, com um afastamento face aos pais e uma maior aproximação aos pares, num movimento que Blos (1998) designa de segundo processo de separação-individuação.

Embora se constituam como dois movimentos distintos, a vinculação e a separação-individuação são duas faces de uma mesma moeda, visto que só a segurança da primeira permite a partida para a segunda. Fonagy e Target (1997) mencionam a este respeito que o vínculo afectivo é multidimensional, incluindo aspectos de estar com e afastar-se de, do mesmo modo que Bowlby (1984, in Soares, 1996) já havia defendido a relação entre o sistema comportamental de vinculação e outros sistemas comportamentais, entre os quais, por exemplo, o comportamento exploratório. Mahler (1975,



NA ENCRUZILHADA ENTRE O IR E O FICAR, O SER E O NÃO SER – PERTURBAÇÕES DO COMPORTAMENTO ALIMENTAR, VINCULAÇÃO E INDIVIDUAÇÃO

in Blum, 2001) quando propôs o conceito de separação-individuação, referiu que o vínculo a um objecto primário é um requisito essencial para que o desenvolvimento deste processo possa ter lugar.

No seu modelo em dupla hélice, que faz lembrar o modelo do ADN humano, Fleming (2005) apresenta o desenvolvimento humano como resultado da interacção dinâmica entre duas hélices psicológicas, a do processo de vinculação e a do processo de separação-individuação. Esta autora entende vinculação como a “necessidade primária de criar ligações afectivas, de apegar-se a outros seres humanos, como meio de assegurar segurança e protecção” (Fleming, 2005, p. 21), individuação como a “necessidade primária de criar a sua própria individualidade, a sua própria identidade, à necessidade de não se fundir/confundir com o Outro a quem se está vinculado” (Fleming, 2005, pp. 21) e a separação como o espaço físico, e simbólico, necessário ao ser humano para progredir da primeira para a segunda, já que permite a diferenciação entre self e outro.

Charles e colegas (2001) referem que o sistema de exploração, que encoraja a criança ao conhecimento do meio envolvente para além da diáde criança-prestador de cuidados, serve em conjunto com o sistema de vinculação a principal motivação do comportamento humano. E que, apesar de menos desenvolvidos e estudados, os modelos internos dinâmicos que se estruturam à volta dos esforços de separação-individuação produzem os seus próprios protótipos de regulação de afecto e de resolução de conflitos (Diamond, Heinicke & Mintz, 1996, in Charles et al., 2001).

Os mesmos autores referem que os modelos internos dinâmicos de separação e individuação relacionam-se especificamente com a capacidade do indivíduo em manter um sentido de self dentro e fora de uma relação íntima. Ou seja, enquanto que o sistema de vinculação está mais relacionado com a regulação da segurança (Bretherton, 1985, in Charles et al., 2001), o foco da separação-individuação é na autonomia e na regulação desta. Com isto podemos afirmar que os modelos internos dinâmicos de vinculação e os modelos internos dinâmicos de separação-individuação, apesar de ambos aliados ao laço relacional e à importância deste no desenvolvimento individual, enfatizam aspectos diferentes da relação e diferentes períodos da trajectória desenvolvimental (Charles et al., 2001). Não obstante, ambos os tipos de representações parecem ter uma forte componente inter e transgeracional, que tem sido mais aprofundada no que respeita a vinculação, mas que também parece influenciar o processo de separação-individuação (Ruebush, 1994; Charles et al., 2001).

A proximidade e a distância nas Perturbações do Comportamento Alimentar

Levenkron (2001) perspectiva as perturbações alimentares como algo que vem fornecer um sentido de identidade e de assertividade à pessoa que dela padece, por ausência de gestos, acções e palavras no meio envolvente propiciadores ao desenvolvimento das primeiras. Segundo este autor, o desenvolvimento da confiança básica, da identidade e da intimidade relacional, defendidas por Erik Erikson como tarefas a adquirir ao longo do desenvolvimento humano, em diferentes estádios, encontra-se comprometido nos sujeitos com distúrbios alimentares, exercendo estes últimos o papel de substitutos. Por esse motivo, conforme a doença progride, vai-se tornando cada vez mais valiosa para a personalidade de quem dela padece, em detrimento da saúde, relacionamentos interpessoais e reais conquistas dessa mesma pessoa.

Farrell (2000) caracteriza os indivíduos com perturbações alimentares, relativamente ao seu pensamento, como pré-verbais, ou seja, a sua relação com as palavras e com a comunicação apresenta-se tão ou mais problemática do que a sua relação com a comida. E acrescenta que a principal tarefa a cumprir nestes indivíduos é a construção de um vínculo forte e duradouro com outro, que lhes permita completar as tarefas seguintes de desenvolvimento, em termos de autonomia e identidade, que ficaram



NECESIDADES EDUCATIVAS ESPECIALES

por realizar ao longo do seu desenvolvimento, constituindo a perturbação alimentar uma forma de substituir esta falta.

Estes autores são apenas dois exemplos de teóricos que têm vindo a conceptualizar as Perturbações do Comportamento Alimentar no âmbito das teorias do desenvolvimento humano, e que as conceptualizam como um sintoma patológico de adaptação à adolescência. Analisando mais pormenorizadamente a literatura sobre as PCA, encontramos repetidamente os conceitos de segurança, mentalização, identidade, autonomia, comunicação, assertividade e intimidade, que nos parecem transversais às várias teorias desenvolvidas, das mais várias perspectivas (Baravalle, Jorge & Vaccarezza, 1993; Bouça, 2000; Brito, 2001; Caparrós & Sanfeliú, 1997; Farrell, 2000; Levenkron, 2001; Sampaio, 1998; Shipton, 2004).

Desta forma, e questionando-nos sobre os processos que permitem ao ser humano a construção das estruturas, competências e aptidões subjacentes aos anteriores conceitos, numa perspectiva desenvolvimental, podemos conceber as PCA como distúrbios em que estão afectados os sistemas de vinculação e de exploração. Diversos autores têm aprofundado a questão da representação da vinculação nas adolescentes com estes distúrbios e têm chegado a dados que parcialmente sustentam a presença de uma vinculação insegura (Broberg, Hjalmers & Nevonen, 2001; Latzer, et al., 2002; Orzolek-Kronner, 2002; Salzman, 1997; Ward et al., 2000). Nalguns estudos prevalece o padrão inseguro-resistente ou ambivalente (Salzman, 1997), enquanto outros estudos apontam para a presença dupla do padrão C, ambivalente, e do padrão A, inseguro-evitante (Broberg, Hjalmers & Nevonen, 2001; Latzer, et al., 2002; Orzolek-Kronner, 2002; Ward et al., 2000).

No mesmo sentido, os estudos que têm aprofundado a autonomia nas Perturbações do Comportamento Alimentar apenas providenciam um suporte parcial à teoria existente. Apesar das famílias destas doentes reforçarem menos a independência (William et al., 1990, in Wechselblatt et al., 2000), e da configuração emocional dos sujeitos com PCA ser menos específica do que o esperado, com uma maior incidência de referência a experiências emocionais de outros significativos (Vilarinho, 2003), não existem dados significativos, nem suficientes, para sustentar a existência de uma perturbação da autonomia neste tipo de patologia (Wechselblatt et al., 2000), apenas dados de uma maior incidência de patologia relacionada com o processo de separação-individuação no género masculino (Lapsley, Alasma & Varshney, 2001). Pelo contrário, no campo teórico vários têm sido os autores a relacionar Anorexia Nervosa e dificuldades na autonomia, desde Bruch (2001) que a concebeu como uma procura não adaptativa de autonomia e auto-controlo, a Minuchin et al. (1978) que caracterizaram a família destas doentes de um modo incompatível com o desenvolvimento da autonomia, e a Selvini-Palazzoli (1978) que forneceu à doente anoréctica a função homeostática de prevenir conflitos no conjunto familiar, e, por isso, impossibilitada de explorar outros contextos.

Na encruzilhada entre o ir e o ficar

Após a análise da literatura, parece-nos importante salientar três aspectos: o facto da vinculação e da separação/individuação serem dois processos relacionados, e não opostos; a importância destes dois processos (vinculação-individuação), e da forma como são construídos na infância, na estruturação da identidade no período da adolescência; e, especificamente, nas Perturbações do Comportamento Alimentar, a necessidade de avaliar como o corpo e o controlo da comida podem fornecer simbolicamente à adolescente a separação física das figuras significativas, sem que tal pressuponha a capacidade de separação psicológica necessária à construção da autonomia e da



NA ENCRUZILHADA ENTRE O IR E O FICAR, O SER E O NÃO SER – PERTURBAÇÕES DO COMPORTAMENTO ALIMENTAR, VINCULAÇÃO E INDIVIDUAÇÃO

identidade. Por isso, a referência ao impasse desenvolvimental que se verifica nestes distúrbios, que pode ser metaforicamente concebido como uma encruzilhada entre o ir e o ficar, o ser e o não ser.

No entrecruzar destas três evidências afigura-se a necessidade de aprofundar empiricamente a forma como são construídos os processos de vinculação e de individuação ao longo da trajectória de vida da adolescente com PCA, ou seja, como a jovem vivenciou no seu percurso desenvolvimental os momentos de "estar com" e de "afastar-se de", as representações, associadas a estes dois movimentos, que foram sendo construídas e, ainda, o modo como as figuras que lhe são significativas vivenciaram elas próprias o processo de vinculação-individuação, não só com a jovem, mas também com as suas figuras parentais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Allen, J., & Land, D. (1999). Attachment in adolescence. In J. Cassidy & P. Shaver (Eds.). *Handbook of attachment, theory, research and clinical applications*. New York: The Guilford Press.
- Atger, F. (2004). Vinculação e adolescência. In N. Guedeney, & A. Guedeney (coord.). *Vinculação: conceitos e aplicações*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Baravalle, G., Jorge, C.H., & Vaccarezza, L.E. (1993). *Anorexia: teoria y clínica psicoanalítica*. Barcelona: Paidós.
- Blos, P. (1998). The second individuation process of adolescence. In M. Perret-Catipovic & F. Ladame (Eds.), *Adolescence and Psychoanalysis: the story and the history*. London: Karnac Books.
- Blum, H. (2001). Separation-individuation theory and attachment theory. Submitted for publication, in <http://apsa.org/Portals/1/docs/JAPA/522/Blum-535-553.pdf>.
- Bouça, D. (2000). *Anorexia nervosa, minha amiga* (2^a ed.). Porto: Âmbar Editora.
- Brito, M. J. S. (2001). *Quem arisca não petisca: uma interpretação psicanalítica da Anorexia Nervosa*. Porto: Livraria Almedina.
- Broberg, A.G.; Hjalmers, I., & Nevenen, L. (2001). Eating disorders, attachment and interpersonal difficulties: a comparison between 18 to 24 year old patients and normal control. *European Eating Disorders Review*, 9, 381 – 396.
- Bruch, H. (2001). *The golden cage: the enigma of anorexia nervosa*. Massachusetts: Harvard University Press.
- Caparrós, N., & Sanfeliú, I. (1997). *La Anorexia, una locura del cuerpo*. Madrid: Biblioteca Nueva.
- Charles, M., Frank, S., Jacobson, S., & Grossman, G. (2001). Repetition of the remembered past, patterns of separation-individuation in two generations of mothers and daughters, *Psychoanalytic Psychology*, vol.18, n.4, pp. 705-728.
- Farrell, E. (2000). *Lost for words. The Psychoanalysis of Anorexia and Bulimia*. New York: Other Press.
- Fleming, M. (2005). *Entre o medo e o desejo de crescer – Psicologia da Adolescência*. Porto: Edições Afrontamento.
- Fonagy, P., & Target, M. (1997). Attachment and reflective function: their role in self-organization, *Development and Psychopathology*, 9, pp. 679 – 700.
- Fonagy, P., Gyorgy, G., Jorist, E.L., & Target, M. (2002). Affect regulation, mentalization, and the development of the self. New York: Other Press.
- Fonagy, P., Target, M., Cottrell, D., Phillips, J., & Kurtz, Z. (2005). *What works for whom? A critical review of treatments for children and adolescents*. New York: The Guilford Press.



NECESIDADES EDUCATIVAS ESPECIALES

- Gouveia, J.P. (2000). Factores etiológicos e desenvolvimentais nos distúrbios alimentares. In I. Soares (coord.), *Psicopatología do Desenvolvimento: trajectórias (in)adaptativas ao longo da vida*. Coimbra: Quarteto Editora.
- Lapsley, D., Aalsma, M., & Varshney, N. (2001). A factor analytic and psychometric examination of pathology of separation-individuation, *Journal of Clinical Psychology*, vol. 57 (7), 915 – 932.
- Latzer, Y.; Zipora, H.; Bachar, E., & Canetti, L. (2002). Attachment style and family functioning as discriminating factors in eating disorders. *Contemporary Family Therapy*, 24 (4), 581-599.
- Lawson, D., & Brossart, D. (2001). Intergenerational Transmission: individuation and intimacy across three generations, *Family Process*, vol. 40, n.º 4, 429 -442.
- Levenkron, S. (2001). *Anatomy of Anorexia*. New York: W.W. Norton & Company.
- Machado, P., Soares, I., Sampaio, D., Torres, A.R., Gouveia, J.P., Oliveira, C.V., & COST B-6 – Portugal (2004). *Perturbações Alimentares em Portugal: Padrões de Utilização dos Serviços, Comportamento Alimentar*, vol. 1, n.º 1, 1 – 8.
- Minuchin, S., Rosman, B., & Baker, L. (1978). *Psychosomatic Families. Anorexia Nervosa in context*. (2nd edition). Massachusetts: Harvard University Press.
- Orzolek-Kronner, C. (2002). The effect of attachment theory in the development of eating disorders: can symptoms be proximity-seeking? *Child and Adolescent Social Work Journal*, vol. 19, n.º 6, 421-435.
- Ruebush, K. (1994). The Mother-Daughter relationship and psychological separation in adolescence, *Journal of Research on Adolescence*, 4(3), 439 – 451.
- Salzman, J.P. (1997). Ambivalent attachment in female adolescents: association with affective instability and eating disorders. *International Journal of Eating Disorders*, 21, 251 – 259.
- Sampaio, D. (1998). *Vivemos livres numa prisão*. Lisboa: Caminho.
- Shipton, G. (2004). *Working with eating disorders*. New York: Palgrave MacMillan.
- Selvini-Palazzoli, M. (1978). *Self-starvation*. London: Jason Aronson.
- Soares, I. (1996). *Representação da vinculação na idade adulta e na adolescência*. Braga: Publicações Instituto de Educação e Psicologia da Universidade do Minho.
- Steiner, H.; Kwan, W.; Shaffer, T. G.; Wlaker, S.; Miller, S.; Sagar, A., & Lock, J. (2003). Risk and protective factors for juvenile eating disorders, *European Child & Adolescent Psychiatry*, 12, 38 – 46.
- Vilarinho, S. (2003). *Estratégias de vinculação e acontecimentos emocionais nas Perturbações do Comportamento Alimentar*. Tese de Mestrado não publicada. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade de Coimbra, Portugal.
- Ward, A.; Ramsay, R.; Turnbull, S.; Benedettini, M., & Treasure, J. (2000). Attachment Patterns in Eating Disorders: Past in the Present, *International Journal of Eating Disorders*, 28, 370 – 376.
- Wechselblatt, T., Gurnick, G., & Simon, R. (2000). Autonomy and Relatednes in the Development of Anorexia Nervosa: a clinical case series using grounded theory, *Bulletin of the Menninger Clinic*, vol. 64, n.1, pp. 91-123.

Fecha de recepción 1 Marzo 2008
Fecha de admisión 12 Marzo 2008

